

MAIOR SEGURANÇA NO CENTRO DE MOÇAMBIQUE

(Por JEAN-MICHAEL STOULLIG da A.F.P.) — Dezasseis paragens obrigatórias para o automobilista que arrisca — agora menos — a descida do planalto zimbabueano para o porto moçambicano da Beira. Dezasseis barreiras numa estrada de 300 km., com soldados e milicianos moçambicanos tardados a trouxe-mouxe, alguns descalços, a pedirem educadamente esta preciosidade: um cigarro.

Mas a presença visível das forças moçambicanas explica muito menos a recente melhoria do aumento de segurança no centro do país do que o acordo de Nkomati, assinado em 16 de Março deste ano, com a África do Sul, e, sobretudo, a acção do exército zimbabueano no corredor estratégico Mutare-Beira.

Desde finais de 1982 várias centenas de soldados zimbabueanos — o seu número, que as autoridades não revelam, é estimado em 700 — guardam o oleoduto, a via-férrea e a estrada, numa faixa de 20 quilómetros de largura, contra os ataques dos guerrilheiros do Movimento Nacional de Resistência Moçambicana (RENAMO).

A protecção do oleoduto é vital para o aprovisionamento do Zimbabue em hidrocarbonatos refinados. De igual modo, 500 soldados patrulham a estrada de Tete, através da qual Harare importa, via Moçambique, milho do Malawi. Em Tete a situação é mais grave que aqui.

A RENAMO está presente em todo o território moçambicano e acentuou mesmo a sua pressão no Norte e no extremo Sul do país, mas a actividade dos guerrilheiros diminuiu há já alguns meses nas províncias de Manica e Sofala (centro).

O número de incidentes no sector passou de 26 para 16, entre Julho e Agosto, segundo fonte zimbabueana.

Na Beira, onde a situação alimentar continua precária, apesar

duma ligeira melhoria, a gasolina é estritamente racionada mas não houve cortes de electricidade, nem portanto sabotagem da linha desde Janeiro.

Um médico americano do hospital da Beira afirma que os soldados, que aí são tratados, são — no sobretudo por feridas de armas de pequeno calibre e cada vez menos por feridas de morteiro ou de bazuca.

A ponte de Bandula, a 50 Km. da fronteira, continua sem poder ser utilizada, dez meses depois da sua sabotagem, mas, diz o director adjunto do porto da Beira, Oscar Dinis: «Muitos homens de negócios do Zimbabue viajam agora sem escolta». «Desde o início do ano, acrescenta, não houve ataques contra comboios, nem sabotagem da linha. Mas não abandonamos as precauções: os comboios só funcionam de dia e com uma caravana militar entre Nhamatanda (100 Km a Oriente da Beira) e Mutare».

Segundo um comerciante de Chimio, capital de Manica, antes ouviam-se tiros durante toda a noite. Isso já não acontece, diz o comerciante, que pode ir finalmente à sua quinta, a 25 Km. de Chimio, enquanto antes o seu carro era alvo dos «bandidos armados».

As autoridades de Maputo afirmam que os progressos no centro se explicam pelo acordo de não-agressão de Nkomati, que priva os guerrilheiros do apoio tradicional de Pretória, nomeadamente de munições, bem como pelas ofensivas do exército moçambicano. Mas nem tudo está resolvido pelo governo neste sector. Se a estrada, entre Chimio e Tete parece estar aberta às viaturas militares, o caminho de Sena, por onde deveria transitar o comércio do Malawi e o carvão moçambicano de Moatize, continua cortado.

Os guerrilheiros continuam aparentemente bem instalados no seu feudo montanhoso da Gorongosa, a algumas dezenas de quilómetros ao norte da grande estrada Beira-Mutare. Parece que há seis meses uma camioneta foi destruída por uma mina e outra por uma bazucada em Junho.

Aliás, de fronte zimbabueana, fala-se em dois barcos, avistados na costa de Sofala, que teriam desembarcado material para a RENAMO.

A acção da «task force» em território aliado é um tema delicado. O primeiro-ministro, Robert Mugabe, que levou bastante tempo a admitir o envio de tropas para Moçambique, recusa-se a dizer quantos homens se encontram aqui e quantos já foram mortos.

«É um problema de segurança. Espanta-me que haja deputados a fazerem tais perguntas», disse recentemente. Sabe-se todavia, que foram mortos cinco soldados no final de Janeiro, perto da estação de bombagem de Mafora, a meio caminho entre Beira e Mutare, e outros 4 teriam sido mortos em Abril.

Detido durante seis horas, segunda-feira, pela segurança militar, em companhia do correspondente do semanário britânico «The Observer», o enviado especial da AFP pôde dar-se conta do nervosismo dos militares zimbabueanos.

Pensando que a sua chegada tinha sido assinalada, os dois correspondentes tinham-se apresentado na sexta-feira anterior no campo zimbabueano de Mafora, a algumas centenas de metros da estrada, mas sem lá poderem entrar nem contactar o comandante que estava ausente.

Segunda-feira, uma barreira zimbabueana instalada há dois dias interceptou-os não longe de gondola, no caminho de regresso. Tiveram, primeiro, que entregar as chaves do seu veículo, depois

foram acompanhados pelo Zimbabue Intelligence Corps (informações militares) até ao quartel-general da Terceira Brigada em Mutare.

O capitão «Jumbo», responsável pelas operações, pediu-lhes que explicassem a sua visita «sem autorização» a Mafora, para finalmente reconhecer que os dois jornalistas estrangeiros tinham vistos das autoridades moçambicanas, que não tinham cometido nenhuma infracção e provavelmente teria havido problemas de comunicação no exército. À noite puderam partir em liberdade.